



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO
*Pardiez! siete arrebolones
No pegaren á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes*
ΕΛΦΕΙΡΟ

Director:
D. José Ferrão.
—Adm. e Editor:
Domingos Ribeiro.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

A IGREJA E A MONARQUIA LIBERAL

Incrédulos ainda são tantos os que vivem por este mundo de Cristo, que por mais que se lhes facultem atestados irrefutáveis, só tomam norte quando a realidade os atravessa amargamente. Assim, não há muito, eles derubaram a monarquia republicana para proclamarem a república monarchica, em que tão pouca diferença as separa, pois só a hereditariedade é ausente no Regimen que melhor nos des governa.

E hoje não é estranho ouvir bradar pela monarquia que justamente pulsaram, como cousa melhor do que esta sequencia que si se espregulça, porque os não guia uma razão nacional.

O trabalho de espirito cança demais, enquanto que o estomago é necessidade que não espera, conceito superior a que chegamos neste rincão da Imortalidade, que o Passado fez erguer entre as bênçãos de Deus.

Conversas alvares onde superabundam amorfos preconceitos ouvimos de tantos soi-disant católicos, apostólicos, romanos e tantos afressurados patriotas —diabo leve tais escaravêlhos— que em tudo se nos mostram, menos católicos e portugueses, porque não aprenderam ainda a ser uma e outra cousa, numa comunhão tão íntima como a que corporisa aquela questão imaterial da gestão que elevou na Terra um iar que para sempre guardou o nome de Portugal.

Assim, podem vir mil mortes cobardes, mas o Portugal do Passado não se extingue e viverá na Eternidade acendendo sempre o Portugal do Porvir, pois nele residirá indefinidamente a centelha perpétua do imaterial que ilumina a exuberância do nacionalismo, fonte vitalina onde florescem imorreduramente o quadro político-social, inicial, a Nação, que um misticismo do Encanto substanciou para ter existência de facto e de direito.

Sempre o estandarte da Crença para haver o altar da Pátria. Por isso patriota só há um — o nacionalista, que sob a veste de crente guarda melhor a espada de português.

Tão pouco, para ser tanto. Basta querer ser. Mas a indolência do albeamento ou a malquerença da perversão impera em muitos, sem vontade de buscarem a santidade da alma e antes com a vontade do prazer do corpo.

Assim, hoje, se ouve bramar pela monarquia de 1910, como em 1910 se clamava pela república, irmãs gêmeas, tão gêmeas, que a mesma Constituição as rege, tendo a falá-las o elixir de uma mutação de palavras, para que o azul e branco nem em tudo seja igual ao verde e vermelho, e vice-versa, uma variante de sombras para melhor ilusão dos patéticos e dos miseráveis, um cenário de novas cambiantes que arrasta e aviltra uma multidão perdida, gritando pela

Pátria, que afinal vai pontapeando ignobilmente.

O mesmo principio liberal as irmanisa e lhes dá forma, sendo sempre a Igreja a primeira vítima que lhes cae ás mãos. Assim era ontem, D. Pedro I do Brasil como hoje Afonso Costa. Este esfacelava a Nação dizendo guardá-la com a lei da Separação da Igreja do Estado, destruindo desta forma os melhores e poucos colégios que restavam ao tratamento da moral, e os museus e laboratórios onde a sciencia ia buscar largos proveitos, como eram Montaciol, Campolide, S. Fiel, ...; dinamitando tanto recolhimento onde almas da santidade se queriam para o bem da pobreza, dos asilos, das misericórdias, dos hospitais, ...; queimando o amor nacional que tão profusamente sabiam ministrar, numa constancia indomável do sacrificio, esses santos pastores das almas que uma vida de pobreza só conheciam para arrastar, noma modestia que só eles sabiam amar.

Aquel'outro... Volvamos a ler o que diz o Santissimo Padre, o Papa Gregório XVI, em 1833, quando a burla liberal de D. Pedro I do Brasil já tingia de sangue a Portugal, guardado pelas escoltas francesas, inglesas e espanholas que ele pagava a peso de ouro contra a Pátria de seu Augusto Pai, contra o trono de seu Augusto Irmão, sobrecarregando largamente o Erário Público que hoje verga ao peso duma miséria dura.

«Veneráveis irmãos—assim falla Gregório XVI aos portugueses—, é sumamente sensível e penoso ter de vos comunicar, aqui, cousas tão tristes, mas a dôr que nos oprime é tão grande que não podemos deixar de o fazer... Queremos fallar vos dos actos do governo estabelecido em Lisboa, nos fins de julho deste ano, actos cheios de impiedade e de audacia, cujo objecto é a destruição de tudo o que ha de mais santo na Igreja, assim como dos gravissimos males com que a Religião é oprimida neste reino, que era até aqui um modelo de devoção e fidelidade á fé católica, á Santa Sé e aos Pontífices Romanos, nossos predecessores e que têm tido com razão por honra obedecer a soberanos a quem distinguia o titulo de Reis Fidelissimos.

«Não podíamos acreditar a principio, nós o confessamos, as noticias que publicamente corriam sobre atentaos tão audaciosos; mas, a inesperada chegada á Italia daquelle que nos representava naquele reino, na qualidade de Nuncio Apostolico, e os incontestaveis testemunhos de muita gente, nos convenceram da veracidade inquestionavel do que precedentemente se nos havia anunciado. E' tão certo como deploravel que o referido governo expulso injustamente a Nossa Pessoa e a Santa

Sé, intimando-lhe que saísse do territorio português sem a menor demora.

«Depois de uma tão grande injuria á Santa Sé e a Nós, a audácia dos preveros foi mais longe contra a Igreja Catolica, contra os bens eclesiasticos e contra os invioláveis direitos da Santa Sé. Considerando que todas estas medidas foram executadas á chegada de um novo poder, e como resultado de uma conspiração decretada antecipadamente, o nosso espirito enche-se de horror.

«As prisões publicas foram abertas, e depois de saírem os que ali estavam detidos, foram lançados em seu lugar alguns daqueles de quem está escrito: Nolite tange Christos meos. Língos arrogaram-se temerariamente direitos sobre as coisas sagradas, decretaram uma reforma Geral do Clero secular e das Ordens Religiosas de ambos os sexos. Desta forma destruíram o privilegio do fóro...

«Será preciso dizer ainda mais? Pois actos tão odiosos e tão contrários á Igreja Catolica se juntaram ainda outros. Todos os bispados por nós conferidos, seguindo a nomeação do Governo existente, foram declarados vagos... Por cumulo de audacia contra a Igreja e auctoridade da Santa Sé, aboliu-se o Augusto Tribunal da Nunciatura Apostolica, e serão submetidos a um Tribunal leigo as causas que ali se julgavam...

«Expressamente proclamamos e absolutamente reprovamos todos os decretos emanados do sobredito Governo de Lisboa em detrimento da Igreja, de seus ministros, do direito eclesiastico e prerogativas da Santa Sé, e os declaramos nulos e sem valor.

«Estes actos tão culpaveis tem nos affligido tanto mais, quanto menos devíamos esperar que se procedesse assim contra Nós pela linha que temos seguido nas perturbacões politicas de Portugal, evitando com o maior cuidado tudo o que pudesse excitar odio contra Nós e contra a Santa Sé... E por isso cuidamos em publicar uma Constituição, que começa por estas palavras, Solicitudo Ecclesiarum, na qual, apoiando-nos na auctoridade e procedimento dos nossos Predecessores, marchando pelas veredas dos antigos Soberanos Pontífices, e seguindo o exemplo do que ultimamente nos precedeu, declaramos em terminos bem positivos e proprios para excluir qualquer sinistra interpretação, que a nossa instrução nao era dar nem tirar direito a pessoa alguma, mas tão somente fazer a obra de Jesus Christo, em desempenho do nosso ministerio apostolico.»

Os degenerados, na maldade que os ferreteia, logo que a impunidade lhes é se-



A VOZ DE NUN'ALVARES

—Faz-se ouvir, energica, sibilante,
na manhã do dia 1.º de Dezembro de 1640—

Que é de ti, Portugal? Teus pulsos de gigante
Não quebram os grilhões brutais da tirania?
Que é do genio da Raça? aquela valentia
Que armou sempre o teu braço audaz e triunfante?

Aquela fé ardente, indômita, que um dia
Creou além do Mar um Portugal distante?
Aquelas orações á Virgem, sempre amante,
Não sobem já aos Ceus, nas horas da agonia?

Caíu teu pedestal. Já não domina o mundo.
O jugo de Castela é vingador, profundo.
—E se as lanças d'Ourique, a branca caravela

Da India, não incita á batalha ou á reza,
Oh! mas ainda resta a Ancião Portuguesa
Que nunca caberá nos ferros de Castela.

ZUZARTE DE MENDONÇA (FILHO).

gura, tem o seu primeiro arranco de malquerença no espumar duma raiva tão gratuita e mais cobarde, erguendo os camartelos da devassidão sobre o misticismo nacional, que não exterminam porque o Imaterial o Imortalisa, mas que dobra a finados numa dôr pungente ao vêr os transviados do bem buscarem o apulcio dos que tanto sabem amar a Deus.

Regenerai-vos, recolhendo á Pátria para que ela vos agradeça numa longa contemplação. Encaminhai vossos passos para a Monarquia, sim, mas áquella que é portuguesa, áquella a quem Portugal deve a sua perpetuidade, fiel á ordenação lusitana, e que recebeu das divinas mãos a corda imortal que brilha duma luz sempre nova e tão viva no Altar Santo da Pátria Amada.

Almacave.

REPAROS...

Ccoisas camarárias

Apesar das chuvas que últimamente tem caído quasi torrencialmente, continua a sentir-se a falta de água nesta cidade.

De quem a culpa? Evidentemente dos nossos ódis que não tratam deste importantissimo caso. Desde que se fez a canalisação da água das nascentes para o depósito geral, ninguém mais se importou de investigar se os canos conti-

nuam em boas condições, o que nos não parece, ou, se pelo contrário, o que é mais provável, estarão róticos e daí a fuga da água durante o percurso. Ninguém pensa no caso... se não em vésperas das eleições. Bairros operários, parque, etc. etc. tudo cantigas do «arroz pardo». Só politiquice, vaidade e nada mais.

Pagar mais...

Noutros tempos — o leitor recorda-se — o povo não podia nem devia pagar mais. Pois agora, que já não há os maldadados «adentamentos», que orun a ruína do país, as «massas» tomam tal «dianteira» que não há nada que as atenuce.

Assim, a primeira condição «sine qua non» para se pôr sonhor das finanças na Pátria de Canhões, é vir declarar que não há dinheiro nos cofres públicos, (?) o que é para admirar visto os «adentamentos» terem sido extintos na «madrugada da glória», em 5 de outubro de 910.

Depois, tudo se tributa. E, agora, com as propostas do sr. Leal nem as janellas e portas escapam á pl. hagem. Tudo serve. Se se lembram de tributar os «quadrupeços» politiquicos então é que vai ser uma «minha».

Força, meus senhores! O povo já pode e tem que pagar mais. E' furtar!...

E viva a nossa «emancipação» mais os «grandiosos estadistas»!

De boas intenções...

está o inferno cheio. E é bem verdade. A é aqui tudo berrava pela compressão... «pa' a inglês vêr». Mas como o sr. Cunha Leal se apresentou disposto a iniciar a compressão pelas «cavernas» das E. P. S. já se vai arrazando Troia. Nem o sr. Dantas, nem o sr. Ginstel escapem á fúria dos nossos «primários superiores». Daí toca a lançar manifesto a defender a «igrejinha». Pois então! Assim é que eles se conhecem! Não é verdade?

Comprimam! Comprimam! Mas não lhes toquem na pele, por «mór» de «todo-los» santos e santas da república mais do sr. filósofo Leonardo, autor da «inteligível lei».

Uma anedota

Num exame:
—A minha pergunta embarça-o?
—Não, sr. professor, não é a pergunta; o que me embarça é a resposta.

A SITUAÇÃO

Com a mesma epigrafe, publicou o brilhante semanario de Vila Real, «A Realza» um interessante artigo, em editorial, uma carga bem dada e melhor merecida nos *soi-dis-mo* monarchicos que, de gorra com republicanos de todas as cores e feitios e com a sempre risonha desculpa do *soi negocio*, tem contribuido para auxiliarem ao estado de miseria em que o pais se encontra.

Dêsse artigo de admiravel logica e de verdades amargas, a que, por impossibilidade de o transcrevermos na integra, vamos extrair alguns periodos, ressaltam bem claros os principios nacionalistas em que andamos empenhados para a Restauração breve de Portugal.

Já em tempos, nestas mesmas columnas, tive occasião de me referir a um belo artigo de Eulides Portugal, sobre a falencia tragica e fraudulenta da democracia. E «A Realza», continuando nos seus propositos verdadeiramente patrioticos e monarchicos — monarchicos, sim, porque «A Realza» não se deixa, e muito bem, navegar nas aguas de um constitucionalismo que fez o seu tempo e, a bem da Nação, jamais voltará, — contribue com a sua propaganda benefica para maior propagação dos principios eternos cuja guarda está confiada ás mãos do Integralismo.

Assim, depois de no artigo a que nos vimos referindo se aludir á desgraçada situação em que estamos, situação esta que nos legou a Democracia num seculo de desenfreado materialismo e feroz egoismo que muitos pretendem fazer resuscitar, também se apontam desassombradamente a quem pertencem as culpas, nos periodos que vamos transcrever:

«E a culpa, a maior parcela, cabe a esses monarchicos porque de mãos dadas com os corifeus do regimen, nas altas empiças e negociações, prestigiando-os, ajudam a sua obra criminosa a tróco de alguns milhares de escudos com que, graças a semelhante aliança, acabam de abarrotar os cofres.

Se não fôsse o prestigio que esses elementos, incontestavelmente de valor, emprestam a qualquer pelintra que vive em boas graças com o regimen para á sua sombra adefrirem avultadas somas, poderia a obra mil vezes nefasta da republica ir tão longe como foi, chegar ao ponto que chegou?

Não, certamente. Se não fossem esses elementos que se proclamam monarchicos e que, dizem, para se desculparem que «negocios são negocios», mas que de facto são falsos como Judas, pois atraíam a Monarquia, regimen nacional, e os que devotadamente a servem e simultaneamente comprometem a republica amparando-a, dando-lhes vida para que, a coberto dos seus defensores, possam aumentar as avultadas mas ficticias fortunas, este regimen de morte há muito teria desaparecido de terras de Portugal e nós não teriamos a pesar sobre os nossos espiritos a incerteza do dia de amanhã.

«Mas — continua — Portugal não há-de perder-se porque as cinzas de heróis e santos não o sentirão e, quando chegar a hora do resgate, o rigor da justiça nacional cairá implacavelmente sobre os que auxiliando os inimigos da Patria, como estes merecem o premio devido a traidores.

A historia não mente e as

suas lições animam os que de boa fé trabalham na obra da restauração nacional.»

E' exatamente nesta bela obra da restauração nacional que nós, integralistas, andamos empenhados. E como assim é porque razão não há de «A Realza» envolver definitivamente pelo unico campo de trabalho onde os monarchicos podem exercer eficazmente a sua acção de ressurgimento nacional que «Mariotte» indica no numero 6 de «Os meus governos» no capitulo «Dualidade Fatal»?

M. A. d'Oliveira.



História de um pobre

Tenho um pobre a quem dou, muito prontamente, a minha esmola.

Faz parte da legião desconhecida dos pobretões arredios que correm seca e moca e assentam arraiais de curta demora ao longo das estradas poeirentas e rumorejantes de forasteiros alegres.

E' de aquelles que não tendo freguesia criada, certa, para correr em penitencia todas as segundas-feiras, num implorar mastigado de resas, vão por essas romarias movimentadas e de grande simpatia do povo, á sorte de Deus, estendendo a mão a todos os desconhecidos, aos caridosos romeiros e aos diferentes que passam como relampagos numa rodaviva de folgança alegre.

Não tem o meu pobre, e talvez seja, por isso, prejudicado nos seus interesses, a escola dos outros, aquele habito desordenado e berrante de pedir, aquele lamuriar realjante, chamariz da compaixão, nem o esbracejar truanesco das mãos, nem o regougo sufocado de carpideira, nem a fingida enumeração das suas desventuras e más sortes de esta negra vida.

Não, coitado do pobre. Dá-me a impressão de nem saber pedir.

Topo-o sempre nas festas mais concorridas de Guimarães, arrumado para a valeta, escolhendo sempre a protectora sombra de uma arvore compassiva, sempre numa attitude curvada de cavador cansado, o olhar morrendo de tristeza, a perder-se na alegria dos que passam, dos que vão...

Não é velho. Homem dos seus cinquenta. O rosto é macilento e os ossos da cara parece quererem rasgar aquela carne seca e descolorada.

O desalinho dos cabelos compridos correndo em manadas pela testa pregueada, o esfarrapado da vestia e os rachões enormes das calças, deixando ver o coiro negro, dão a impressão nítida de um espantinho.

O braço é estendido a custo e metido a medo á cara dos que passam rentinhos d'ele. E numa brandura amelada de voz, num implorar choroso curtado de soluços, o pobre arrisca o seu pedido: «Meu rico bemfeitor, pela alma dos que lá tem, uma esmolinha ao desgraçado».

Dou-lhe sempre a esmola. Tenho uma certa simpatia por este pobre, e tenho sobretudo muita pena d'ele.

E então o homem, não resa, agradece com um sorriso frouxo, doente, e deseja que os santos que ele mais considera e que em melhor conta tem, me protejam e me dêm tudo.

«S. Torcade milagroso lhe azeite as passadinhas; Nossa Senhora das Dóres o ampare; Deus nosso Pai lhe dê tudo que deseje».

E a sua voz pára cansada, as ultimas palavras morrem-lhe abas-

fadas na garganta, e volta estendendo o braço cada vez mais caído, aos que passam, aos que vão, na mesma supplica de sempre: «Meu rico bemfeitor...» Os grupos dos romeiros seguem num sirandar revolteado de dança.

A musica alegre e fácil das violas e dos harmonios passa num sôpre, deixando os acordes sumidos que deliciarão os ouvidos.

Os carros de fanico seguem atulhados em disposição de pimpam-pum da bolcia á imperial.

Pantura de risinhos, gritos secos, gargalhadas moças e aduses com lençinhos. Nuvens de pogeira sufocante. E a lamuria dos pobres pedintes a ferir os ouvidos dos que passam, dos que vão...

E o meu pobre lá está, abatido, no esgôto da valeta, no esconderijo para onde se arrumam os pobres arredios, os encarregados, os chaguentos.

Já conheço o meu pobre e a sua familia. Imaginava-o mais desgraçado. Julgava-o sem ninguém neste mundo; sem eira nem beira, correndo ao Deus dar e acolhendo-se em abrigos de poiaes ou de palheiros de aldeia.

Tem dois filhitos meudos, vive para os lados de Santa Eulalia numa cabana despida e corre todo o mundo de romarias, para onde se transporta num gerico finório que sustenta com carinho e amor.

Encontrei-o já duas vezes, recentemente, á porta de uma tasca da Amorosa, com outro alinhio, com outro aceio, com outro ar despreocupado e vivo.

Vestia uma fatiota regular de artista remediado. Umhas botas enormes de cabedal grosseiro enfiadas nos pés. Uma boina de cheviote na cabeça, atirada para o lado, segurando a marrafa comprida, numa attitude de fadista pacato. A beata, ao canto da boca, fumegante e crespa no brasido.

Passo, e o meu pobre não se desconcerta, não foge, não dissimula, toma porem uma posição mais correcta, e disfarçando um risinho que não posso traduzir, desbarreta-se com toda a cortezia e sauda como qualquer pantominheiro do vigário:

«V. Senhoria como passou?» Bem, obrigado, e vou seguindo, sem ligar a minima importancia de reparo, somente filosofando:

Ora aqui está um pobre que não tendo escola, tem a compreensão dos seus deveres. Não estava em condições de pedir e não quiz por isso afrontar-me com a grosseria da sua posição apumada pedindo-me a esmoia no seu cantochão habitual.

O meu pobre, é afinal, um pobre ás direitas.

Encara a vida como deve e tira dela o partido relativo á sua posição modesta de pedir.

Nos dias de descanso, diverte-se.

Para com as lamurias, tira o pezo da malota e o postico enganoso do seu abatimento e gosa da manha que os vagares da pedincha lhe dispensam.

Mas nunca deixei de dar a esmola áquele meu pobre.

Quando o encontro arrumado nas valetas, em attitude curvada de cavador cansado, tristonho, abatido, e me estende o braço trémulo na mesma imploração de «meu rico bemfeitor, pelas almas que lá tem uma esmolinha ao desgraçado», eu deixo-lhe cair, também sem me desconcertar, disfarçando somente um risinho que ele não é capaz de traduzir, a migalha da minha esmola.

E logo, o pobre, no abafado de uma voz cansada:

«S. Torcade milagroso lhe azeite as passadinhas; Nossa Senhora das Dóres o ampare; Deus nosso Pai lhe dê tudo que deseje»...

A. V. B.

O «GIL VICENTE» está em toda a parte contra as quadrilhas.

Espectaculos

Promovidos pela Empresa Lido Souto, realizar-se hão nos proximos dias 11 e 12, dois espectaculos de assinatura pela grande Companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar com as duas peças **DUAS CAUSAS e A GARRA.**

A assinatura acha-se aberta no Café Avenida.

Senhora da Conceição

Apesar do dia se apresentar *carrancuto*, ainda assim esteve bastante concorrida a festividade de Nossa Senhora da Conceição de Fóra, ontem realizada na sua histórica capelinha.

De tarde houve a costumada venda das *passarinhas* que são o enlevo da gente miuda.

Vitória Sport Club

Assembleia Geral

São convidados os sócios deste Club, a refirem na sala das sessões da Associação Artística, Rua de Gil Vicente, no dia 9 de Dezembro, pelas 10 horas, para se tratar da eleição dos corpos gerentes para o ano de 1924.

Se não comparecer número legal de sócios, ficará a sessão adiada para o dia 16, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de sócios.

Guimarães, 2 de Dezembro de 1923.

O Secretário,

Luis Gonzaga Leite.

EXECUÇÃO PERFEITA TRABALHOS EM CORES

TIPOGRAFIA

MINERVA RIBEIRO

PREÇOS MODICOS

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua do Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.^{mos} Srs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRANÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a cortezia de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possível, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á **ULTRAMARINA** e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

Ex.^{mo} Snr.